

ROBERTO KAZ

O livro dos bichos

*A ararinha repatriada, o macaco
candidato, o camundongo que foi para
o espaço e outras reportagens*

Ilustrações

Audrey Furlaneto



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2016 by Roberto Kaz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elisa von Randow

Imagem de capa

Joseph Cornell (1903-72), *Sem título* (Hôtel de la Duchesse-Anne), 1957, caixa, 44,8 x 31,1 x 11,3 cm, Coleção Lindy and Edwin Bergman Joseph Cornell, 1982. 1868, The Art Institute of Chicago. © The Joseph and Robert Cornell Memorial Foundation/ AUTVIS, Brasil, 2015.

Preparação

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Isabel Jorge Cury

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kaz, Roberto

O livro dos bichos : a ararinha repatriada, o macaco candidato, o camundongo que foi para o espaço e outras reportagens / Roberto Kaz ; ilustrações Audrey Furlaneto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2686-6

1. Crônicas brasileiras 2. Jornalismo – Humor, sátira etc. 3. Jornais – Seções, colunas etc. 4. Política – Humor, sátira etc. I. Furlaneto, Audrey. II. Título.

16-01109

CDD-070.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Jornalismo humorístico e crítica : Literatura 070.4

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Nota do autor, 9

DA FAMA

O candidato, 13

O sobrevivente, 29

O apresentador, 53

O internauta, 61

DO OFÍCIO

O ganhão, 69

O clone, 87

O vigia, 99

O cosmonauta, 105

DAS ARTES

O cantor, 125

A solista, 147

A atriz, 153
A colecionadora, 157

DO ESPORTE

O amuleto, 163
O lutador, 177
O saltador, 183
A mascote, 191

DA RUA

A mãe, 201
Os estrangeiros, 207
A injustiçada, 213
A vítima, 217

DO PASSADO

O fóssil, 225

Agradecimentos, 241

Fontes, 243

DA FAMA

O candidato



Pan troglodytes

Olhando de longe, o Brasil, em 1988, vivia um período de relativa euforia política. Decorriam quatro anos do movimento Diretas Já, que culminara, depois de duas décadas de ditadura, na eleição do primeiro civil à presidência. Decorriam também três anos desde que os prefeitos, antes nomeados pelo estado, voltavam a ser eleitos pelo voto popular. Por fim, o país ganhara uma nova Constituição.

Mas a verdade é que o Brasil, naquele ano de 1988, continuava mergulhado num mar de descrença. O primeiro civil na presidência era José Sarney, notório colaborador do regime militar. No Rio de Janeiro, o prefeito eleito, Saturnino Braga, acabara de decretar a falência do município. A inflação passara de 1000% ao ano.

“Era um tempo de muita esperança na volta da vida política”, explicou-me a historiadora Marly Motta, da Fundação Getúlio Vargas. “Mas o namoro com o Sarney, que existira com o começo do Plano Cruzado, havia virado uma profunda decepção. E o Saturnino, que era um homem honesto e respeitado, havia quebrado a prefeitura do Rio. As pessoas perceberam que nem todos os males vinham da ditadura.”

A uma semana das eleições municipais de 1988, o *Jornal do Brasil* mostrava, por uma pesquisa, que os jovens entre dezesseis e dezoito anos pensavam com “unanimidade quanto à incompetência do governo do presidente José Sarney”. Consideravam o direito ao voto “banal”, “desinteressante”, “discutível”, “inútil” e “dispensável”. O terreno era propício para que surgisse, na miríade de candidatos, um elemento-surpresa em busca do voto.

Esse elemento era um macaco.

Tião nasceu em 16 de janeiro de 1963, no zoológico do Rio, de um romance entre os chimpanzés Babá e Lulu. Foi ba-

tizado em homenagem a São Sebastião, padroeiro da cidade, e adotado desde pequeno pelo chefe dos tratadores, Pacífico Soares — com quem passeava de mãos dadas, diante dos animais enjaulados. De dia, frequentava a sede administrativa, onde fingia atender ao telefone e digitar numa máquina. De noite, não raro, dormia em Olaria, na casa de Soares (a viagem era feita de carro, no banco do carona). A relação paternal persistiu até o dia em que o chimpanzé, já adolescente, subiu numa árvore — ou, segundo outra versão, quebrou uma mesa —, ignorando o tratador. Seguiu dali para a jaula, onde a solidão foi remediada com uma bola, um balanço e um urso de pelúcia.

Talvez por isso, quase não há anotações, no zoológico, sobre o primeiro decênio do animal. A ficha técnica de Tião começa de fato a ser preenchida no dia 7 de julho de 1975, quando, aos doze anos, o macaco “quebrou a porta externa do alojamento”. O comportamento inconformado voltaria a aflorar em novembro daquele ano, numa tarde chuvosa, em que se recusou a entrar na parte coberta da jaula. “Assim sendo”, dizia o relatório, “molhou-se a valer, em que pese ter entrado logo depois com a ajuda de um extintor de incêndio.”

Dali em diante, a ficha se assemelharia à de um homem injustamente encarcerado. Em janeiro de 1978, Tião “fugiu e retornou”. Em outubro, “arrebentou a porta interna de seu alojamento”. Em novembro de 1980, “levantou a tela do recinto”. Em dezembro de 1986, “tentou fugir, tendo conseguido abrir a porta de tela, sendo necessária uma reforma urgente”. Em outubro de 1995, já idoso, “fugiu e foi contido”.

A ficha também mostrava seu histórico médico. Tião tomava Valium para diminuir sua ansiedade e vitamina C para tratar da tosse. A partir dos 24 anos de idade, as mazelas respiratórias ficaram frequentes. Fez exames de sangue, urina, eletrocardio-

grama e radiografia do tórax. Quatro anos depois, o açúcar no sangue atingiu o dobro do admissível: diabetes.

Foi um fardo. Em agosto de 1991, o *Jornal do Brasil* contaria que Tião, “irritadíssimo, viu sua ração diária de bananas reduzida de sessenta para seis, e teve de suportar a substituição das mangas, dos abacaxis e do milho verde por repolho, chicória e tomate”. O biólogo Pedro Meneses contou, na reportagem, que o macaco estava inconformado: “Ele grita por tudo. Grita se está alegre e grita se está triste”. Já a diretora técnica do zoológico, Sônia Prado Rodrigues, lembrava que, apesar do esforço, era impossível controlá-lo: “Ele não pode ver alguém comendo que estende as mãos e faz cara triste. As crianças não resistem e acabam lhe dando pipocas e balas”.

Se não bastasse o baque alimentar, Tião, já grisalho, continuava celibatário. A aproximação com a chimpanzé Cafona terminara frustrada (e com uma mordida no dedo do macho). Seu mais longo tratador, Waldemiro Ramos da Silva, hoje com 88 anos, disse que o casal ficou junto por duas semanas “quando o ideal seriam seis meses”. A partir de então, Tião preferiu focar em outro tipo de primata. “O negócio dele era loura de bota”, contou. “O Tião subia no tronco para ficar seguindo quando uma loura passava.”

O amor proibido fez com que o animal se rendesse, de forma obsessiva, ao prazer solitário — não raro praticado em público. Já no fim da vida, voltou a se interessar por uma chimpanzé, 23 anos mais jovem, que morava algumas jaulas ao lado. O zoológico, temendo expô-lo a fortes emoções, foi contrário.

“Morreu solteirão”, lamentou Silva.

Animal que mais se assemelha ao homem, o chimpanzé abraça, beija, grita, gesticula, cumprimenta, ri e reconhece a

própria imagem no espelho. Sente compaixão e tem explosões de brutalidade. Aprende sinais, inventa ferramentas e cria culturas próprias. Num estudo publicado em 1999, a pesquisadora britânica Jane Goodall — autoridade máxima no assunto — apontou diferenças entre sete comunidades selvagens: chimpanzés da Tanzânia usavam folhas para espantar abelhas; os da Costa do Marfim, galhos para pescar formigas (e comê-las sem ser picados); todos, menos os da Guiné, dançavam debaixo de chuva.

Chimpanzés e humanos compartilham o mesmo ancestral, cuja população, 10 milhões de anos atrás, dividia-se em pequenos grupos na parte equatorial da África. Quando um desses grupos migrava para um local isolado, via-se forçado a adaptar-se ao novo habitat. Por vezes, a diferença climática ou geográfica acabava por favorecer certas mutações — de início discretas, mas significativas no acúmulo das gerações. Entre 5 e 7 milhões de anos atrás, o ancestral humano cindiu-se do macaco.

De um lado ficou uma espécie quadrúpede, sociável, capaz de caçar em bandos e de viver em árvores (que acabaria evoluindo no chimpanzé). Do outro, um primata ainda similar, que levaria mais 2 milhões de anos para andar sobre duas patas. Quando isso ocorresse, o ancestral do homem teria suas mãos alforriadas — e passaria a inventar ferramentas de pedra para ocupá-las.

A partir de então, a evolução humana avançou numa série de pequenos passos. O uso de ferramentas levou ao domínio da caça. O domínio da caça — e do fogo, ocorrido entre 1 milhão e 600 mil anos atrás — levou a uma dieta baseada em carne. A ingestão de carne cozida trouxe mais energia. O aumento na energia levou à expansão do cérebro (e de todo tipo de habilidade mental).

Mas ainda que o *Homo sapiens* tenha surgido há 200 mil anos, o divisor de águas na sua trajetória só ocorreria 60 mil anos

atrás. A partir de então, as ferramentas, antes rudimentares, começariam a mudar. As ambições também: o homem colonizaria a Europa, a Ásia e a Austrália. O pesquisador norte-americano Jared Diamond atribui a reviravolta a um conjunto de mutações vocais. “É fácil pensar em como uma pequena mudança na anatomia resultaria numa enorme mudança comportamental”, escreveu num estudo publicado em 2008. “Com a língua falada, leva-se apenas alguns segundos para dizer: ‘Vire à direita na quarta árvore e faça o antílope correr até o arbusto, onde estarei escondido para matá-lo.’”

A partir do domínio da fala, o homem criaria a arte e a espiritualidade. Inventaria a agricultura, a matemática, a escrita, o dinheiro, a guerra, a política, a escravidão, a misoginia, o sadismo, a pornografia e a Inquisição. Conceberia a luz elétrica, a gasolina, a fotografia, o avião, a relatividade, a penicilina, a bomba atômica, a psicanálise, a internet e o vídeo de gatinho. Construiria pirâmide, ponte, arranha-céu, estação espacial, reator de hádron e um lugar chamado zoológico — onde aprisionaria quadrúpedes sociáveis que antes viviam em árvores.

A semelhança entre o homem e os demais primatas foi apontada primeiramente pelo médico grego Galeno de Pérgamo, que escreveu, por volta do ano 200, que o macaco nos era mais próximo “nas vísceras, músculos, artérias, veias, nervos e ossos” que qualquer outro animal. (Como a dissecação humana era proibida, seu conhecimento vinha em grande parte da anatomia do macaco-de-gibraltar.) A ideia voltaria à tona nos séculos XVII — quando o anatomista britânico Edward Tyson dissecaria um chimpanzé — e XIX, com a inauguração, em Londres, do primeiro zoológico (onde havia uma fêmea de orangotango chamada Jenny).

Em 1838, Charles Darwin conheceu Jenny. O naturalista britânico já havia retornado da viagem de cinco anos a bordo do

navio *Beagle*, onde começara a conceber sua ideia de evolução. “Deixe o homem ver um orangotango domesticado, ouvir seu lamento expressivo, perceber sua inteligência quando chamado, como se entendesse cada palavra do que é dito”, escreveu sobre o encontro com Jenny, em seu diário. “O homem, na sua arrogância, pensa-se uma grande obra, como se interposta por uma divindade. Os mais humildes e eu acreditamos que ele tenha surgido dos animais.”

Duas décadas depois, Darwin publicaria *A origem das espécies*, onde diria que todo ser vivo era um resultado evolutivo de algo já extinto. Como a ideia já fosse por demais heterodoxa, preferiu deixar a espécie humana de fora, escrevendo apenas que o futuro “jogaria luz sobre a origem do homem e sua história”. Mas quem somasse a frase ao restante do livro entenderia o que era insinuado sobre o passado da humanidade. Os biólogos, naturalistas e clérigos britânicos — quase todos partidários de que o homem fosse uma criação divina — espernearam. Jornais passaram a publicar caricaturas de Darwin no corpo de macacos.

Em 1871, o naturalista voltaria ao assunto, dessa vez em detalhes. Num livro chamado *A origem do homem*, definiria o chimpanzé e o gorila como as duas espécies mais próximas à nossa. Intuiria, pelo habitat desses primatas, que o homem também surgira na África. E escreveria que “o homem ainda carrega no seu corpo o selo indelével de sua origem menor”.

Passado um século, o mapeamento genético mostraria que o homem e o chimpanzé dividem 98,7% do DNA.

Tião não foi o primeiro animal a figurar entre os quadros da política nacional. Em 1959, uma fêmea de rinoceronte chamada Cacareco recebeu estimados 100 mil votos para vereadora de São Paulo. Cacareco ficara famosa um ano antes, durante

a inauguração do zoológico, quando o governador Jânio Quadros a definiu, pela popularidade, como “uma forte candidata aos Campos Elíseos”. Em 1962, houve uma campanha frustrada para eleger a cadela Laika — que acabara de ser lançada ao espaço — a deputada pelo estado da Guanabara. Em 1987, um mosquito foi eleito prefeito de Vila Velha (a Justiça Eleitoral do Espírito Santo anulou os votos, empossando o candidato Magno Pires, que ficara em segundo lugar).

A pedra inaugural da candidatura de Tião foi lançada em março de 1988, quando o zoológico do Rio implementou um programa de adoção dos animais. A empresa interessada bancava os custos de alimentação e, em contrapartida, tinha seu nome gravado numa placa sob a jaula. O zoológico dizia, num comunicado, ter uma “visitação média mensal de 250 mil pessoas”, acrescentando que os veículos de comunicação dariam “uma amplitude de âmbito nacional” aos interessados.

Cada animal tinha um preço, fixado de acordo com o que comia: quinze jacarés custavam menos que uma zebra; três araras equivaliam a uma águia-chilena. A campanha, de sucesso instantâneo, seguiu um padrão estético. A Esso adotou o tigre-de-bengala (baseado no felino que era seu garoto-propaganda), a Camel adotou o dromedário (que já era símbolo do cigarro) e o Matte Leão adotou o leão.

Foi então que o humorista Claudio Manoel teve uma ideia. Ele publicava com Bussunda, Beto Silva, Marcelo Madureira e Hélio de la Peña a fanzine *Casseta Popular* — revista mimeografada, sem periodicidade, surgida dez anos antes na faculdade de engenharia da UFRJ. Quando a tiragem ultrapassava 5 mil, o grupo ia de banca em banca, no Centro, consignando alguns exemplares. “Encalhava muito”, contou-me o humorista Hélio de la Peña. “Fazíamos festa, pichávamos frase de efeito para tentar divulgar. Tínhamos que arrumar uma maneira de aparecer.”

A maneira era Tião. Para atenuar o gasto, Claudio Manoel propôs uma parceria com a redação do *Planeta Diário* — o concorrente humorístico capitaneado por Reinaldo, Hubert e Cláudio Paiva (os humoristas da *Casseta Popular* e do *Planeta Diário* já trabalhavam juntos na redação do *TV Pirata*; fundariam, dali a alguns anos, o programa *Casseta & Planeta*). A adoção foi firmada em 1º de julho de 1988.

“O Tião já era conhecido por ser sacana, por jogar merda em visitante”, disse Hélio de la Peña. “A gente não adotou pensando em uso eleitoral, mas na visibilidade que a promoção traria. E o zoológico achou o máximo: um bicho irreverente adotado por dois jornais de humor.”

Acontece que, naquele mesmo ano de 1988, a prefeitura do Rio ficaria três meses sem pagar salário. Saturnino Braga havia atrelado o ordenado ao índice inflacionário. Quando o percentual explodiu, a medida, populista, revelou-se temerária. Na tentativa de renegociar a dívida, Saturnino recebeu um sonoro “não” do governo federal. Decretou falência.

“O Sarney deixou a prefeitura quebrar”, disse a historiadora Marly Motta. “O mandato do Saturnino estava muito ligado à estratégia do Brizola de chegar à presidência. Ele não tinha apoio dos governos federal e estadual, que eram de outro partido. E perdeu todo o apoio do Brizola quando declarou falência. Ficou leproso. Ninguém queria ser pai daquela criança.”

Daí que uma pilhéria despretensiosa ganhou um vulto inesperado. No começo de outubro, os humoristas marcaram um ato público em frente à jaula do macaco. O objetivo, apregoava um panfleto, era lançar a candidatura de “Sebastião Alves Paranhos Paiva de Prata, 25, o popular Macaco Tião, o último preso político brasileiro”. O manifesto terminava com um grito de guerra: “Enfim um homem direito. Macaco Tião para prefeito. Vote no novo! Tião, a esperança do povo”. O ato foi proibido pelo zoológico.

“Em vez de olhar para o Tião como uma figura folclórica, é bom vê-lo como uma manifestação política de grande relevância”, concluiu Marly Motta. “Não por acaso, 1988 desembocou na eleição do Collor, que se apresentava como um não político.”